



Poemas literários

Carregado de mim ando no mundo, E o grande peso
embarga-me as passadas, Que como ando por vias
desusadas, Faço o peso crescer e vou-me ao fundo. O
remédio será seguir o imundo Caminho, onde dos mais
vejo as pisadas, Que as bestas andam juntas mais
ornadas, Do que anda só o engenho mais profundo.
Não é fácil viver entre os insanos, Erra, quem
presumir, que sabe tudo, Se o atalho não soube dos
seus danos. O prudente varão há de ser mudo, Que é
melhor neste mundo o mar de enganoso Ser louco cos
demais, que ser sisudo.

Gregório de Matos- Barroco

**Vício da fala Para dizerem milho dizem mio Para
melhor dizem mió Para pior pió Para telha dizem
teia Para telhado dizem teiado E vão fazendo
telhados.**

Oswald de Andrade- Modernismo

1. A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e tecto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-onde, jamais portas-contra; por onde, livres: ar luz razão certa.

**Fábula de um arquiteto, João Cabral de Melo Neto.
Pós-Modernismo**

Soneto Encontrei-te. Era o mês... Que importa o mês? Agosto, Setembro, outubro, maio, abril, janeiro ou março, Brilhasse o luar que importa? ou fosse o sol já posto, No teu olhar todo o meu sonho andava esparso. Que saudades de amor na aurora do teu rosto! Que horizonte de fé, no olhar tranquilo e garço! Nunca mais me lembrei se era no mês de agosto, Setembro, outubro, abril, maio, janeiro, ou março. Encontrei-te. Depois... depois

tudo se some Desfaz-se o teu olhar em nuvens de
Era o dia... Que importa o dia, um simples nome? Ou
ouro e poeira.
sábado sem luz, domingo sem conforto, Segunda,
terça ou quarta, ou quinta ou sexta-feira, Brilhasse o
sol que importa? ou fosse o luar já morto?

Soneto- Simbolismo

Alphonsus de Guimarens

A UM POETA

**Longe do estéril turbilhão da rua, Beditino,
escreve! No aconchego Do claustro, no silêncio e
no sossego, Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e
sua! Mas que na forma se disfarce o emprego Do
esforço; e a trama viva se construa De tal modo,
que a imagem fique nua, Rica, mas sóbria, como um
templo grego. Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade, Sem
lembrar os andaimes do edifício: Porque a Beleza,
gêmea da Verdade, Arte pura, inimiga do artifício, É
a força e a graça na simplicidade. A UM POETA
Longe do estéril turbilhão da rua, Beditino,
escreve! No aconchego Do claustro, no silêncio e
no sossego, Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e
sua!**

Mas que na forma se disfarce o emprego Do esforço; e
a trama viva se construa De tal modo, que a imagem
fique nua, Rica, mas sóbria, como um templo grego.
Não se mostre na fábrica o suplício Do mestre. E,
natural, o efeito agrade, Sem lembrar os andaimes do
edifício: Porque a Beleza, gêmea da Verdade, Arte
pura, inimiga do artifício, É a força e a graça na
simplicidade.

A um poeta, Simbolismo

Olavo Bilac

Digo-lhe que faz mal, que é melhor, muito melhor
contentar-se com a realidade; se ela não é brilhante
como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de
existir.

Romantismo

Machado de Assis

VERSOS NEVOENTOS

Luta penosa e vã, esta em que vivo, imerso Na
ambição de alcançar a frase que me exprima, Onde o
meu pensamento esplenda claro e terso, Como o bago
reluz pronto para a vindima. Como cristalizar tanta
emoção no verso? Como o sonho encerrar nos limites
da rima? Bruma ondulante e azul, fumo que erra
disperso, Não se pode plasmar, não há mão que o
comprima. Não, eu não te darei a expressão que
rebrilha Na rija nitidez de áurea moeda sem uso,
Acabado lavor de cunho e de serrilha: Só te posso
ofertar estes versos nevoentos, Conchas em que
ouvirás, indistinto e confuso, Um remoto fragor de
vagas e de ventos.

Versos nevoentos, Pré-Modernismo

Se é Doce Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

Arcadismo

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Sê Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Sê, Realismo

Douglas Malloch

Invejo as flores que murchando morrem, E as aves que desmaiam-se cantando E expiram sem sofrer...

Álvares de Azevedo

Canto I

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental
praia Lusitana, Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana, Em perigos e
guerras esforçados Mais do que prometia a força
humana, E entre gente remota edificaram Novo reino,
que tanto sublimaram; Camões também fez poemas
líricos, sendo um dos mais famosos o que se inicia
com a estrofe abaixo: Amor é fogo que arde sem se
ver; É ferida que dói, e não se sente; É um
contentamento descontente; É dor que desatina sem
doer.

Luis Camões